

Empresas fazem investimentos

Se pouco mudou, no quadro do analfabetismo, até aqui, o Ano Internacional da Alfabetização, patrocinado pela Unesco, há em Brasília pelo menos um sinal alentador: exemplos ainda isolados parecem indicar uma preocupação mais sólida das empresas com o problema — e uma delas resolveu, em atitude pioneira, erradicar o analfabetismo de suas dependências.

Este passo está sendo dado pela Taguauto — revenda de automóveis do grupo Brasal — que contratou um dos coordenadores do Centro de Educação Paulo Freire, o professor Pedro Lacerda, de 23 anos, para alfabetizar todos os funcionários da empresa que ainda não sabem ler e escrever. E será seguido, em Sobradinho, pela Cimento Tocantins.

Esta indústria começou por se responsabilizar pelas despesas para a criação de uma classe na zona da Fercal, perto da satélite. Satisfeita com os resultados, já faz um levantamento interno, para em seguida proporcionar a seus empregados ainda não alfabetizados uma chance de aprender a ler, escrever e somar.

Nem sempre, porém, os alfabetizadores encontram a facilidade destes pequenos auxílios. Maria Madalena conta que em 1985, quando ela ainda participava do Grupo de Jovens em Busca de Algo Mais (Jebam), nome de sigla que hoje a fazem rir, havia grandes entraves para que as aulas acontecessem na Igreja da Glória, na Ceilândia. (MC)